

O Baptismo na Vida de uma Comunidade Paroquial

Uma Sinfonia em Quatro Andamentos, com um Prelúdio e uma Coda final

Apresento algumas ideias nascidas da minha experiência pastoral de 26 anos de pároco. Peço a compreensão de todos para a provável irrelevância do que vou dizer. Sobretudo porque ainda não consegui nenhuma ‘receita milagrosa’ para esta imensa possibilidade evangelizadora que ainda nos oferece o pedido de Baptismo feito ainda por tantas famílias.

Para além de ser um dado adquirido que a realidade pastoral de cada paróquia é única, e só cada pároco será capaz de encontrar as propostas concretas para ela, é também verdade que a ‘única coisa necessária’ é não nos deixarmos condicionar pela realidade, mas acreditar que há-se ser possível, alguma vez, reacender as brasas que ainda guardam algum lume, se for o vento do Espírito a soprar. talvez seja a isto que deseja o papa Francisco quando fala repetidamente de sonhos, de sonhar.

Ficarei contente se for capaz de trazer alguma inquietação a algum, pelo menos tanta como a que eu experimento.

Vamos então ao Prelúdio.

1. Prelúdio

Para ajudar a compreender a importância do Baptismo na vida da Igreja e portanto na vida da Comunidade Paroquial – o rosto próximo e visível da Mãe Igreja para todos – bastaria recordar esta história contada pelo papa Francisco, numa das suas catequeses sobre o Baptismo, a 14 de Janeiro de 2014: “Quanto à importância do Batismo para o Povo de Deus, a história da *comunidade cristã no Japão* é exemplar. Sofreu severas perseguições no início do século XVII. Os mártires foram numerosos, membros do clero foram expulsos e milhares de fiéis foram mortos. Não sobrou nenhum padre no Japão, todos foram expulsos. Então a comunidade escondeu-se, mantendo a fé e a oração escondidas. E quando um filho nascia, o pai ou a mãe batizavam-no, porque todos os fiéis podem batizar em circunstâncias particulares. Quando, cerca de dois séculos e meio depois, 250 anos depois, os missionários voltaram ao Japão, milhares de cristãos saíram e a Igreja

pôde florescer novamente. Eles sobreviveram com a graça do seu batismo! Isso é ótimo: o Povo de Deus transmite a fé, batiza seus filhos e segue em frente. E eles mantiveram, mesmo em segredo, um forte espírito de comunidade, porque o Batismo os tinha tornado um só corpo em Cristo: estavam isolados e escondidos, mas sempre foram membros do Povo de Deus, membros da Igreja. Podemos aprender muito com essa história!”

Mas acrescento mais estas palavras, também do papa Francisco, numa outra catequese, agora a 11 de Abril de 2018: “Mergulhando em Cristo, o Batismo também nos torna *membros do seu Corpo, que é a Igreja*, e participantes da sua missão no mundo (cf. *Catecismo*, 1213). Nós batizados não somos isolados: somos membros do Corpo de Cristo. A vitalidade que brota da pia batismal é ilustrada por estas palavras de Jesus: «Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em mim e eu nele dá muito fruto»(cf. *Jo* 15, 5). A mesma vida, a do Espírito Santo, flui de Cristo aos batizados, unindo-os num só Corpo (cf. *I Cor* 12,13), enfeitada com a santa unção e alimentada à mesa eucarística.

O Batismo permite que Cristo viva em nós e que vivamos unidos com ele, que colaboremos na Igreja, cada um segundo a sua condição, na transformação do mundo.”

Isto é o Batismo como deve ser. Mas, como sabemos todos os que temos a responsabilidade pastoral deste sacramento – como dos outros, já agora –, muito raramente as coisas são assim. Basta lembrar a angústia que sentimos tantas vezes – ainda mais quando somos novos – ao ir para o cartório, a perguntar o que é que nos vai ‘sair na rifa’: os pais que não casados catolicamente porque acham que isso não acrescenta nada, mas querem à viva força o Batismo para o filho ou filha, ou a eterna questão dos padrinhos, ou o habitual individualismo sem nenhuma consciência da dimensão comunitária da fé, ou ainda o Batismo para protecção, sabe-se lá de que ‘demónios’.

Não é nada fácil a nossa missão de pastores, seja por incapacidade nossa para compreender motivações que nos parecem tão pouco razoáveis, seja porque raramente as pessoas estão disponíveis para parar e pensar connosco sobre isso.

Conto duas ‘conversas’:

Uma vez, veio a mãe do bebê, acompanhada também pela sua própria mãe pedir o Baptismo – sabemos como tantas vezes isso acrescenta dificuldades, porque são mais os avós a insistirem na necessidade de baptizar do que os próprios pais. Provavelmente ainda bem que é assim, mas as dificuldades permanecem.

Lá comecei a conversa a perguntar porquê e a tentar explicar o que era o Baptismo e a mãe diz, inesperadamente: Não estou aqui para ouvir sermões. Baptiza ou não baptiza?

De uma outra vez, era também uma mãe jovem, se bem lembro também acompanhada pela mãe, que, a certa altura da conversa me diz: É que se não me baptizar o bebê eu não posso entrar com ele no cemitério.

Sim, muitas vezes não sabia, não sei bem que fazer, ou talvez com algumas exceções, não sabemos como fazer.

Terminado o prelúdio, passemos ao primeiro andamento: o acolhimento, a difícil arte de saber acolher.

2. Acolhimento

Hoje, de maneira muito diferente de anos atrás – e também aguilhoados pelo papa Francisco – precisamos de critérios para falar com os pais não casados, separados ou divorciados, casados apenas pelo civil, mães solteiras... São situações que não podemos mudar, na maior parte dos casos, e sabemos que negar o Baptismo dificilmente será a melhor atitude da Igreja. Às vezes, a tentação é não perguntar nada, baptizar e pronto, depois logo se vê. Mas sabemos que essa, apesar de tudo, não é a atitude que aprendemos do Evangelho. Cristo diz, ‘vinde ver’, ‘vinde comigo’ ‘que procurais?’

Temos então de aprender a acolher. Sabemos como é importante a imagem de Igreja que damos num momento como esse. E sabemos como é decisivo aproveitar esse momento para iniciar um processo, para tentar um percurso. Mesmo sabendo que nem sempre conseguiremos, temos de tentar. E a forma de acolhermos e de conversarmos é a pedra de toque.

Para além da disponibilidade de horários, cada vez mais importante por causa da diversidade de horários de trabalho, temos de sintonizar com a

alegria dos pais pelo nascimento do filho e pela celebração do Baptismo e de fazer um esforço evangélico para compreender as suas (poucas) razões e conseguir partir delas para tentar fazer algum caminho.

Tenho o compromisso de escrever, uma vez por mês, um texto sobre um filme, na revista ‘Mensageiro de Santo António’. Aqui há tempos, a propósito do filme ‘Roubaix-Misericórdia’, o realizador (Arnaud Desplechin) dizia isto numa entrevista: “Daoud (é o chefe de esquadra de polícia) escuta os outros e devolve-os a si próprios. Há misericórdia em Daoud, que é um sentimento cristão e não se espera que possa ser o centro de uma personagem muçulmana. Daoud nunca pergunta ‘porquê’, não é um cristão, ele pergunta ‘como’. Lanzmann só perguntava ‘como’. É assim que restitui as pessoas a si mesmas. Há santidade na vida, acredito nisso.” (Público, ípsilon, 11 de Setembro de 2020)

Confesso que parei a pensar nestas palavras e até ‘prometi’ que iria tentar não perguntar porquê – para não dar nunca a impressão de estar a julgar – (porque é que vêm pedir o Baptismo quando não são casadas, por exemplo), mas sempre tentar perceber ‘como’ é que eu faço para ajudar as pessoas a viver este sacramento com sentido, a ver se também consigo ser um pouco anjo, um pouco luz, um pouco misericórdia, como se diz dessa personagem muçulmana do filme.

O que quero dizer é focar-me mais no que posso/podemos fazer do que julgar as pessoas. Não é fácil.

3. Preparação

A preparação é o segundo andamento.

Sem experiência e sem saber muitas das coisas que aprendi entretanto, logo na minha primeira paróquia, em 1988, comecei por fazer três reuniões de preparação: uma sobre as razões dos pais para pedir o Baptismo e as da Igreja para baptizar, outra sobre o que é Baptismo e outra sobre a celebração. Nesse tempo e nessa paróquia, não houve dificuldades. Não sei se consegui atingir os objectivos, mas era um bom momento de encontro com os pais e padrinhos. Já nessa altura, tinha um ou outro casal que colaborava nessa preparação.

Mais recentemente, também depois de ler um livro em que o papa Francisco contava a sua experiência em Buenos Aires (Maria é Minha Mãe, Awi de Mello), passei a propor dois encontros antes do Baptismo e passei a tentar fazer um depois, para ver se o caminho continuava. Com quase nenhum sucesso, é verdade. Depois de verem o filho baptizado, os pais dificilmente aparecem. Seja porque já têm o que queriam, seja porque nós não conseguimos acrescentar nenhuma inquietação sobre a fé e a sua celebração em comunhão com a Igreja, seja porque a proposta que fazemos não lhes desperta interesse. Devo dizer que o mesmo acontece com a maioria dos que são baptizados em adultos. E também tenho alguma experiência nisso.

Antes do Baptismo, de forma geral, talvez com medo de que não baptizemos, conseguimos que venham a essa preparação. Mas não podemos cair na tentação de ‘aproveitar’ oportunisticamente a ocasião para lhes pregar uma seca e ‘ensinar a doutrina toda’. Os que não arranjam desculpa virão à reunião – que remédio – mas dificilmente sintonizarão connosco. Limitam-se a aguentar ‘o frete’, a não ser que tenhamos a capacidade de pegar nas coisas de maneira inesperada, partindo da vida concreta e das situações vividas ou conhecidas por eles.

Agora, não tenho um guião a seguir. Por isso, tanto posso partir de uma notícia da televisão ou do jornal, do futebol ou da telenovela, como da passagem do Evangelho que ouviremos no dia da celebração.

O objectivo do primeiro encontro é levá-los a pensar na verdade do que vamos celebrar, no compromisso que assumem, na implicação que tem para todos, a começar pela comunidade, na ‘complicação’ em que vão meter o filho ou filha, e também na alegria da Mãe Igreja ao ‘dar à luz’ novos filhos. Tento sublinhar muito esta dimensão eclesial do Baptismo e da fé. Uma vida divina dada por Deus que tem de crescer tal como se cresce na vida humana dada pelos pais.

O segundo encontro é para ‘percorrer’ a celebração (não ensaiar, tenho medo de contribuir para a ‘teatralização’), para falar da linguagem da fé, aprofundar o significado dos gestos e dos símbolos, para ver se conseguimos jogar mais ou menos todos o mesmo jogo, sem nos atrapalharmos uns aos outros, quando estivermos a celebrar. É uma dimensão muito importante – e que pode até tornar-se muito interessante

para eles – porque, como é da nossa experiência, uma grandíssima parte dos pais e padrinhos que pedem o Baptismo são católicos não praticantes, querendo isto dizer simplesmente que não vêm à Missa ao Domingo. Por isso, a dimensão celebrativa, no sentido verdadeiramente participativo e transformador da pessoa que a celebração tem, anda muito afastada. A mentalidade, parece-me, ainda é muito de ‘assistir’ ao que o padre vai fazer.

Com os pais e padrinhos ainda conseguimos alguma coisa, mais difícil são os outros ‘assistentes’, os convidados. Uma vez, ia eu a descer com as famílias para o Baptistério e ouvi este comentário de alguém que assistia: Olha, é agora que vão deitar água em cima da cabeça. Pior do que isso, foi uma outra vez em que, já depois da celebração, ao sair da sacristia, cá fora, estavam uns a desdenhar de quem tinha estado a cantar e dos outros que tinham ficado ali, depois da Eucaristia, para garantir a melhor celebração. Mesmo assim, não podemos ceder, creio eu, à tentação – recorrente – de ‘despachar’ a coisa.

4. Celebração

De facto, a celebração sempre me preocupou muito e sempre procurei garantir e oferecer a melhor celebração possível. Uma boa celebração – este boa é naturalmente sempre subjectivo – é a melhor ‘catequese’ que podemos fazer, se conseguirmos que as pessoas participem, que celebrem, o que não é fácil. Para isso, sempre tentei, e na maior parte das vezes consegui, acólitos e cantores. Muitas vezes também foi possível contar com alguma das pessoas que colaboravam na preparação para fazerem o acolhimento na igreja, indicarem os lugares, ajudar na movimentação e até, sendo necessário, pegar no bebé e sair um pouco com ele num momento mais difícil.

Estou já no terceiro andamento: a celebração do Baptismo.

Em relação à celebração, penso que só é preciso fazer bem o que o Ritual nos manda, de forma simples, dinâmica, a começar pelas diferentes procissões: da entrada (onde se faz o rito de acolhimento) até ao presbitério para ouvir, do ambão, a Palavra de Deus; do presbitério ao baptistério para fazer o Baptismo; e do baptistério de novo até ao altar para rezar o Pai-

nosso e significar assim a ligação do Baptismo à futura Eucaristia. Sem esquecer a qualidade litúrgica dos cânticos, claro.

Antes da bênção final, ainda proponho sempre a entrega de uma flor a Maria. Cada família desloca-se com o filho e a flor ao altar mariano que exista na igreja, enquanto se canta um cântico, preferencialmente o Magnificat.

Estou a falar de uma celebração do Baptismo, fora da Missa comunitária, habitualmente no final desta, ao Domingo. Tento, ao menos, luto mesmo com todos os meus argumentos para que os baptismos sejam o mais possível ao Domingo.

Mas sei que o melhor – e o que eu também mais gostava – era fazer os baptismos dentro da celebração dominical. Mas não é fácil, pelas razões já apontadas atrás. Na maior parte dos casos seria um ‘sacrifício’ para os que só vêm ao Baptismo, seria estranho para muitos; e seria ao mesmo tempo uma ‘perturbação’ para a assembleia. Ainda que fosse uma boa maneira de ‘comprometer’ todos naquela acção baptismal da Igreja.

De qualquer modo, e essa é uma das minhas preocupações – que, às vezes, refiro ao terminar a celebração – a dimensão comunitária está bem presente na presença dos servidores que ali estão, bem como no esforço para congregar os baptismos num Domingo, e evitar, tanto quanto possível, a ‘celebração familiar’. Mesmo sabendo que, apesar de tudo, tantas vezes é mais um acto colectivo do que celebração comunitária, às vezes mesmo mais uma feira do que uma festa.

5. Acompanhamento

E chegamos ao último andamento, o mais difícil: o acompanhamento.

O que eu gostava, e já tentei, mas sem grandes resultados, era continuar, de algum modo, o caminho, o processo, o percurso iniciado no Baptismo. Por exemplo, logo no dia do Baptismo, entregar aos pais e padrinhos um convite para um novo encontro, dali a dias, enquanto a experiência ainda ‘está fresca’, para continuarmos a conversa. Para fazer a mistagogia, como se diz com mais rigor. Mas eu – nós – ainda não sabemos como chegar aqui. E, no entanto, talvez seja o mais importante e decisivo. Se

conseguíssemos ir mantendo a ligação com os pais – eventualmente também com os padrinhos – ao longo dos anos, até chegar o momento de começar a catequese – mesmo que fossem poucos – parece-me que seria um passo decisivo. Ajudar os pais, à medida que os filhos vão crescendo, a ir iniciando à fé, à oração, à Palavra de Deus, a ter alguns sinais religiosos em casa, ir dando a conhecer a pessoa de Jesus. Talvez estes tempos difíceis da pandemia nos tenham mostrado que é possível ir propondo e fazendo algumas coisas, também utilizando bem os meios digitais para ir ter com as famílias a suas casas. Sabemos como, quando há filhos pequenos, é mais difícil conseguir que os pais venham a encontros ou até mesmo celebrações...

O que me parece é que ainda são muito poucos os Servidores – equipas de preparação para o Baptismo, Catequistas, Acólitos mais velhos, Leitores, Ministros Extraordinários da Comunhão, equipas de comunicação e digitalização... – que estão disponíveis para uma tarefa tão exigente como esta. Muitas vezes, muito menos que o pároco. Algumas vezes, mais acomodados que o pároco. E o ‘pobre coitado’, sozinho, não poderá ir muito longe. O que dizer é que também a própria comunidade tem pouca consciência da dimensão comunitária dos sacramentos, sobretudo dos da iniciação cristã.

6. Coda final

O que procurei dizer é que o Baptismo é, por assim dizer – seja em bebé, em idade de Catequese ou adulto –, a razão de ser e a primeira tarefa da comunidade paroquial. Só podemos fazer crescer na fé, aqueles que a Mãe Igreja tiver feito nascer na fé. É pelo Baptismo que a família dos filhos e filhas de Deus vai crescendo. É a Igreja que gera novos filhos e filhas para a fé, para a família.

Isto exige, por uma lado, o refazer e fortalecer do laço comunitário: que os pais compreendam que ‘eu sou porque nós somos’, para citar uma frase de Timothy Radcliffe, que o Baptismo, ao enxertar-nos em Cristo torna-nos membros de uma família; por outro lado, também – e ainda antes dos pais – a comunidade, os cristãos que formam aquela comunidade concreta, tem de ter uma consciência maior de como os batismos lhe dizem respeito, a envolvem e comprometem, de muitas maneiras, mas sobretudo a começar

pela ‘oferta’ de uma comunidade viva, activa, dinâmica, criativa, ministerial, aberta, sinodal, participativa, verdadeiramente comunitária.

E este é um caminho sempre longo que temos de fazer, mas que precisamos de começar quanto antes. E nós ainda continuamos a ser, mais do que já devíamos, comunidades de manutenção do que de missão.

Para isso, creio que é fundamental fazer tudo para se conseguir ir ultrapassando aquilo que, já há muito se chama, a privatização da fé e que, infelizmente, parece que corre o risco de aumentar ainda mais. Na maior parte dos casos, se aceitarmos, cada família quer fazer o seu Baptismo, a sua festa, na sua hora, no seu dia, sem lhe importar a qualidade da celebração ou a entrada na comunidade paroquial. Quantas vezes não me senti um funcionário de uma repartição ou balcão onde o cliente vai pedir um sacramento como se fosse comprar aquilo que lhe faz falta naquele momento e que só a ele diz respeito. Até porque paga.

Sem intransigência, mas espero que com toda a exigência e atenção e cuidado pastoral, procuro estabelecer alguns critérios que permitam caminhar no sentido de ajudar a descobrir a dimensão comunitária do Baptismo e a tomar consciência de que se trata apenas do primeiro passo de um caminho que é chamado a durar a vida toda.

Gostava de, alguma vez, conseguir um pouco da experiência contada por James Mallon no seu livro ‘Renovação Divina’. A leitura que fiz do livro continua a ser um aguilhão para não deixar de sonhar. Estou firmemente convencido que, com um bocadinho de esforço, podemos fazer muito mais e melhor.

Imagino que muitos terão lido o livro (em francês tem um título bem mais sugestivo: Manual de sobrevivência para as paróquias), relembro apenas estas palavras, precisamente sobre a preparação do Baptismo:

“... como Igreja, somos os primeiros culpados pela percepção que a maioria dos católicos têm do Batismo como um rito de passagem privado para a família biológica.” E depois de lembrar que os batismos são habitualmente celebrados fora da celebração dominical e sem nenhuma relação com ela, pergunta: “Quando celebramos o Batismo deste modo, que direito temos de ficarmos surpreendidos que os nossos esforços produzam poucos frutos no caminho do discipulado?”

Acredito fortemente que a primeira coisa e a mais simples que podemos fazer para mudar esta mentalidade é pararmos de realizar ‘baptismos privados’... Durante anos, temos um domingo batismal uma vez por mês (com exceção da Quaresma). Os batismos acontecem nas duas missas dominicais da manhã e tenho sempre entre duas a seis crianças para batizar. Os paroquianos habituaram-se a isto”. (págs. 223 a 227)

(Comunicação feita nas Jornadas de Teologia, na Universidade Católica. Porto, 1 de Fevereiro de 2021)